



Ministério da Educação
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares
Centro de Formação Continuada de Professores
Secretaria de Educação do Distrito Federal
Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação
Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica

A INDISCIPLINA E A IMPORTÂNCIA DO LIMITE NOS ANOS INICIAIS (1º. AO 5º. ANO) DO ENSINO FUNDAMENTAL

Jaime Neres Freire

Professor-orientador Mestre Antônio Fávero Sobrinho
Professora monitora-orientadora Mestra Sandra Regina Santana Costa

Brasília (DF), 18 de maio de 2013

Jaime Neres Freire

**A INDISCIPLINA E A IMPORTÂNCIA DO LIMITE
NOS ANOS INICIAIS (1º. AO 5º. ANO) DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica sob orientação do Professor-orientador Mestre Antônio Fávero Sobrinho e da Professora monitora-orientadora Mestra Sandra Regina Santana Costa.

TERMO DE APROVAÇÃO

Jaime Neres Freire

A INDISCIPLINA E A IMPORTÂNCIA DO LIMITE NOS ANOS INICIAIS (1º. AO 5º. ANO) DO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:

MSc. Antônio Fávero Sobrinho – SEE-
DF/UnB
(Professor-orientador)

MSc. Sandra Regina Santana Costa–
FE/UnB
(Monitora-orientadora)

Prof^a. Dr^a. Norma Lúcia Neris Queiroz – SEE-DF
(Examinadora externa)

Brasília, 18 de maio de 2013

DEDICATÓRIA

Aos meus familiares, pela força,
Aos amigos, pela presença marcante,
Aos professores, pelo conhecimento repassado

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Deus, por ter me dado conhecimento e paciência para ter chegado até aqui, em todos os momentos que passei, pela força e garra para atingir o desenvolvimento do presente estudo-fundamental para minha formação.

EPÍGRAFE

“Quem teve a ideia de cortar o tempo em fatias, a que se deu o nome de ano, foi um indivíduo genial. Industrializou a esperança, fazendo-a funcionar no limite da exaustão. Doze meses dão para qualquer ser humano se cansar e entregar os pontos. Aí está o milagre da renovação e tudo começa outra vez, com outro número e outra vontade de acreditar que daqui para diante vai ser diferente.”

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo verificar a indisciplina em sala de aula nos anos iniciais do Ensino Fundamental. De cunho bibliográfico, utilizando-se de pesquisa de campo e consequente aplicação de questionário, a pesquisa deu-se em uma escola pública do Recanto das Emas, Distrito Federal – a primeira escola daquela localidade, onde se buscou compreender quais situações que propiciariam um ambiente escolar harmônico, que favorecesse a aprendizagem. Com os dados obtidos, sendo estes categorizados de forma qualitativa e, ao mesmo tempo, quantitativa, concluiu-se que não é apenas o professor que deve estar interessado na boa disciplina, mas toda a escola e também a família, para o bom aproveitamento daquilo que a educação tem a oferecer.

Palavras-chave: Indisciplina. Limite. Séries iniciais.

LISTA DE ABREVIATURAS

- EAPE - Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação
EC - Escola Classe

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO	11
1.1 Compreendendo a indisciplina.....	11
1.2 A indisciplina sob os vários aspectos da educação	13
1.3 Indisciplina no ambiente escolar.....	14
1.4 Autoridade <i>versus</i> Autoritarismo	16
1.5 O papel da família frente à indisciplina.....	19
1.6 Motivação e incentivo na aprendizagem	21
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DE PESQUISA.....	24
2.1 Contexto da pesquisa.....	25
2.2 Participantes do estudo	25
2.3 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados	26
2.4 Procedimentos de análise de dados	26
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	27
CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS.....	34
APÊNDICE 1	36

INTRODUÇÃO

No tempo presente, percebe-se que em grande parte das escolas, os educadores têm em seu ambiente de trabalho crianças com problemas de indisciplina. Tal temática vem sendo um dos principais assuntos de discussões de especialistas em educação, pois as crianças de hoje não se sentem mais obrigadas a aceitar as imposições, afrontam os professores, desafiam as regras da escola e, na maioria das vezes, os próprios pais as amparam.

O professor de hoje deve estar atento ao fato de que as crianças não conseguem permanecer durante quatro horas sentadas e sem conversar, sempre atentas a todo o ensinamento transmitido. Neste sentido, faz-se necessário conhecer a verdadeira causa da indisciplina, a fim de se trabalhar de maneira correta com a criança indisciplinada sem o uso de agressões verbais ou autoridade.

Não cabe somente à escola o papel de buscar alternativas para sanar os problemas relacionados com a indisciplina. A sociedade e, principalmente, a família, devem aliar-se à escola para contribuir com a construção do futuro cidadão. Faz-se importante um estudo mais profundo sobre as possíveis causas da indisciplina na sala de aula e na escola, no que tange à formação das crianças nos anos iniciais de sua vida escolar e educacional.

Diante do exposto, o presente estudo teve por objetivo verificar a indisciplina em sala de aula nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como objetivos específicos, apontam-se: identificar os principais obstáculos que a indisciplina provoca na aprendizagem dos alunos e apontar os principais fatores que favorecem a disciplina/indisciplina escolar.

De fato, a pesquisa se reflete como um momento idealizado para compreender a importância do trabalho da escola em relação à indisciplina nos anos iniciais – período em que o aluno ainda encontra-se em pleno desenvolvimento de seu processo de formação intelectual e cognitivo. E ainda, as linhas a seguir contribuem não somente para o processo de formação do autor do estudo, bem como para a informação e formação da temática apresentada junto ao meio acadêmico.

Faz-se importante analisar a indisciplina no ambiente escolar, o papel da escola a respeito do tema, bem como a importância relação professor-aluno, e como o professor pode se manifesta em sala de aula na relação autoridade *versus* autoritarismo. A família também foi e mostra-se cada vez mais alvo de contribuição para a construção da disciplina, do relacionamento com os pais, dos principais processos motivacionais e de incentivo à aprendizagem dos alunos considerados indisciplinados na escola.

Por meio de pesquisa de campo, via questionário aplicado, a pesquisa obteve dados junto aos professores de uma escola pública analisada no Recanto das Emas, Distrito Federal.

As informações prestadas a seguir poderão ser utilizadas como auxílio a todos aqueles que se interessar em compreender melhor a indisciplina escolar, bem como a todos os profissionais da educação que desejarem uma reflexão quanto à sua prática educativa.

Em suma, quando a questão da indisciplina no ambiente escolar for bem compreendida pela Academia e pelos profissionais da educação, tal ação contribuirá para a formação de uma sociedade mais justa e autônoma, uma vez que a disciplina não é importante apenas para uma aprendizagem mais eficaz na escola, mas é fundamental para a aquisição de valores e atitudes necessários para uma harmônica convivência humana.

CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Compreendendo a indisciplina

Segundo o mini dicionário Aurélio (2002), entende-se por “indisciplina” o ato ou dito contrário à disciplina. Vasconcelos (2004) assim destaca o termo “disciplina”: “[...] disciplinar corresponde à adequação a sociedade existente; significa, pois, inculcação, doméstica”.

Para se trabalhar com o limite/disciplina na escola, é preciso começar analisando o porquê nas escolas de hoje existe a falta de limite nas crianças – pois fazem o que querem e ditam suas próprias regras. Tem-se aí uma inversão de papéis, tanto em casa quanto na escola.

Faz-se necessário na escola, o estabelecimento de regras, que devem ser cobradas e cumpridas por todos, evitando que o professor responda sozinho pelo comportamento do aluno, e que ao mesmo tempo possibilite que o aluno sinta-se seguro e orientado nas atitudes que deverá tomar, tendo consciência do comportamento que é desejado por seus educadores.

Para Azevedo (2002), a palavra “disciplina” vem do vocábulo discípulo, e significa seguidor de um mestre. O discípulo segue o seu mestre não porque tem uma punição, mas sim porque acredita que seu mestre está correto. Neste sentido, deve-se instigar a criança para que acredite que o que falamos tem fundamentos e é verdade, fazendo com que aquela regra seja respeitada e realizada para seu bem estar.

A obediência às regras deve ocorrer de maneira natural, como consequência do bom comportamento da criança, e não uma obediência por medo da punição – como é de costume ocorrer.

Historicamente, a instituição escolar foi marcada pelo autoritarismo na escola, relatado até mesmo por nossos pais – os tempos da “palmatória”, onde os professores eram temidos e usavam e abusavam deste tipo de artifício para conseguir “respeito” e disciplina dos alunos.

A grande incógnita para a maioria dos educadores atuais é o que deve ser feito para manter a disciplina e o bom comportamento em sala de aula.

Como é sabido, para que haja uma aprendizagem significativa, é preciso que exista disciplina, ou seja, deve existir certo limite estabelecido pelo professor na sala de aula. Disciplina sim, mas com moderação. Neste sentido, faz-se importante que as crianças de hoje respeitem os professores e as regras impostas pela escola.

As crianças populares brasileiras não se evadem da escola, não a deixam porque querem. As crianças populares brasileiras são expulsas da escola, não, obviamente, porque esta ou aquela professora, por uma questão de pura antipatia pessoal expulsa estes ou aqueles alunos ou reprove. É a estrutura mesma da sociedade que cria uma série de impasses e de dificuldades, uns em solidariedade com os outros, de que resultam obstáculos enormes para as crianças populares não só chegarem à escola, mas também, quando chegam, nela ficarem e nela fazerem o percurso que têm direito (FREIRE, 1998, p. 35).

Neste aspecto, a disciplina interior é muito importante em nossas vidas e no relacionamento com o próximo. E, em sala de aula, tal aspecto torna-se ainda mais importante, devendo ser transmitido aos alunos de forma clara, nas condições que possibilitem a aprendizagem. A disciplina escolar é consequência da organização total da escola, ou seja, do modo como a escola está organizada, é também o reflexo da relação que se estabelece entre o professor e o aluno.

As crianças necessitam aderir às regras, e estas devem vir de professores que, juntamente com as mesmas, devem formalizar tais regras, que devem ser apresentadas aos alunos no sentido positivo e negativo, ou seja, o que estes podem e não podem fazer, e cabe ao professor segui-las de forma que não voltem atrás nos ditames implantados em sua sala de aula. “O mais importante é dizer-lhes algo que possa se cumprir, e não algo impulsivo ou sem sentido, que não vai surtir efeito” (AZEVEDO, 2002, p. 72).

As regras devem ser acordos elaborados entre professores, juntamente com os alunos, e deve beneficiar a todos, deixando claras a relação aluno-professor.

Portanto, para que se construa uma disciplina interativa, é necessário que os professores não somente apontem os erros dos alunos, mas que busquem subsídios que tenha como objetivo conscientizar as crianças para que estas tenham condições de analisar seu comportamento e o que estão fazendo (se aquilo é certo ou errado).

1.2 A indisciplina sob os vários aspectos da educação

As causas da indisciplina estão entrelaçadas com a sociedade, a família, a escola, o professor e o aluno. São problemas familiares, carências, influências dos programas de televisão, de toda a mídia, o que demanda uma atuação organizada e articulada em todas as frentes.

O professor necessita refletir sua prática, realizar uma constante autocrítica. Sem uma definição clara de seu papel, não estará em condições de educar, dado que o aluno capta esta incongruência com muita facilidade, buscando explorar tal fragilidade. A falta de convicção da proposta do professor gera um acúmulo de dificuldades, podendo chegar a uma confusão generalizada na sala de aula. São aulas sem aprofundamento, sem a clareza dos objetivos, sem renovação metodológica, sem articulação interdisciplinar, sem conteúdos relacionados com as necessidades do aluno.

[...] a indisciplina no contexto das condutas dos alunos, dentro ou fora da sala de aula, nas diversas atividades pedagógicas, a dimensão dos processos de socialização e relacionamentos que os alunos exercem na escola e também considerar a indisciplina contextualizada o desenvolvimento cognitivo desses alunos (GARCIA, 1999, p. 102).

Há um consenso de que sem disciplina, não é possível fazer trabalho pedagógico algum. Trata-se de redimensionar o problema. A questão central não está na disputa entre professor e aluno, mas na organização do trabalho coletivo em sala de aula, a fim de realizar a construção do conhecimento, quando o professor é o articulador da proposta, o coordenador do processo de aprendizagem, e deve

assumir seu papel de agente histórico de transformação da realidade, por meio de um ensino exigente e inteligente.

1.3 Indisciplina no ambiente escolar

Quando da promoção de uma educação saudável, prazerosa e satisfatória, logo vem à mente inúmeros conceitos que remetem à relação afetiva entre professores e alunos, fazendo com que o processo de ensino-aprendizagem seja mais seguro, exercendo várias influências positivas sobre os alunos; mas, é possível o aparecimento de outro conceito bastante comum nas escolas de hoje: a “indisciplina”.

Soque a questão, Tiba (1996, p. 99) assim destaca:

A disciplina escolar é um conjunto de novas regras que devem ser obedecidas para o êxito do aprendizado escolar. Portanto, ele é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, conseqüentemente a escola.

A indisciplina dos alunos é algo tão antigo quanto à própria escola e tem se tornado uma reclamação inevitável entre a maioria dos educadores. Com a entrada na pré-escola, a criança se depara com um conjunto de novas regras estabelecidas pelas instituições escolares, o que acaba afetando outras áreas da sua vida, como, por exemplo, acordar e dormir cedo, fazer as tarefas de casa, e inúmeras outras situações que a criança ainda não está acostumada.

As questões de indisciplina podem estar relacionadas com fatores internos ou externos da escola. Entre as razões internas estariam, por exemplo, as condições de ensino-aprendizagem, a preparação dos professores, a valorização e o respeito das características individuais de cada aluno, os modos de relacionamento estabelecidos entre alunos e professores, e o conceito que o próprio aluno faz em relação ao ambiente escolar, uma vez que a indisciplina guarda reflexos da vivência e da relação de uma criança para outra.

Neste sentido, La Taille (1996, p. 9) analisa que as

[...] crianças precisam sim aderir a regras e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os 'limites' implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não poderia ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social – a família, a escola, e a sociedade como um todo.

Sabe-se que o meio em que a criança convive, enquanto conjunto estruturado de pessoas, tem uma enorme importância nos processos de socialização e de aprendizagem dos infantes. Certas manifestações de indisciplina, muitas vezes não passam de meras manifestações públicas de identificação com modelos de comportamento característicos de certos grupos. Assim, as crianças veem naquela determinada pessoa um espelho.

Através dos modelos presenciados pela criança é que se tem a aquisição de certo prestígio no seio da comunidade escolar. Em relação à questão da disciplina, as práticas escolares são testemunhas de grandes transformações históricas. É preciso admitir também que a indisciplina nas escolas revela algo interessante sobre aqueles dias em que disciplina era imposta à base do castigo ou da ameaça, do medo, da coação.

Atualmente, as estratégias que a escola utiliza para conter a indisciplina são outras, ou seja, não se tem mais o uso da palmatória e das ameaças – os professores, coordenadores e direção fazem uso do diálogo, que, segundo Cury (2003, p. 90), “é uma ferramenta educacional insubstituível. Deve haver autoridade na relação pai/filho e professor/aluno, mas a verdadeira autoridade é conquistada com amor”.

Embora a escola seja um espaço onde as crianças passam grande parte do seu tempo, nem sempre estas conseguem perceber quais são os valores transmitidos naquele ambiente, as regras de funcionamento existentes.

1.4 Autoridade *versus* Autoritarismo

Muitos educandos costumam erroneamente confundir autoridade com autoritarismo. Neste sentido, não sabem como utilizar a autoridade em sala de aula e acabam abusando do autoritarismo para conseguirem o que querem.

A autoridade pode ser definida como a obediência a uma regra, ou seja, é tudo aquilo que faz com que um indivíduo obedeça a alguém, seja em casa ou na escola ou onde tiver relacionamento humano. O autoritarismo é entendido como o abuso de poder, da autoridade, para conseguir alguma coisa – aqui, a disciplina.

Segundo Vasconcellos (2004), a autoridade faz-se necessária em sala de aula, pois não se pode construir a educação no seu verdadeiro sentido sem a autoridade do professor.

Neste intuito, faz-se importante que os alunos reconheçam o professor como uma autoridade, ou seja, alguém que deve ser obedecido e respeitado, e não uma autoridade que se mostra vigente, que atue fiscalizando proibições e constrangimentos severos ou ainda ameaças; deve ser uma autoridade que tenha como base a firmeza nas decisões para que o aluno confie que as atitudes tomadas pelo professor são seguras.

Neste sentido, Haydt (1997, p. 64) ressalta:

Logo, se o ensino é a orientação da aprendizagem visando a construção do conhecimento, a autoridade do professor é a autoridade amiga, de quem estimula, incentiva, orienta, reforça os acertos, mostra as falhas e ajuda a corrigi-las. É autoridade de quem auxilia a descobrir alternativas, mostra caminhos e abre perspectivas.

Portanto a autoridade na sala de aula não pode ser vista como um bloqueio da liberdade discente, nem tampouco como fim da autonomia do professor. Não deve ser confundida com autoritarismo, ou seja, autoridade sem limite, com exagero, tornando-se uma “máquina” controladora, que não pode ser contrariada na sua individualidade, na sua insatisfação ou angústia de um determinado assunto ou regra estabelecida com os alunos.

De acordo com Vasconcellos (2004), atualmente existem duas formas de se conseguir a disciplina por convicção: a educação mais voltada para o diálogo – situação raramente encontrada; e, a disciplina por coação, ou seja, mais autoritária e bastante comum nas escolas de hoje, que é sustentada por ameaças.

Neste sentido, Moraes(2001 p. 29) aponta:

Os professores como que passam a ter vergonha de exercer uma autoridade para a qual estão designados, uma autoridade que nada tem a ver com trações autoritários desta ou daquela personalidade, mas que emerge do próprio processo educacional e de ensino [...] Hoje está posto um desafio que precisa começar a ser enfrentado no exato espaço da sala de aula: o de recuperar o sentido da autoridade nas relações pedagógicas, sem qualquer concessão a autoritarismos, que destes já estamos fartos.

Contudo, sabe-se que a questão da autoridade na sala de aula atualmente mostra-se necessária, uma vez que a clientela que é recebida chega à escola cada vez mais sem limite trabalhado pela família.

Assim, é necessário que o educador faça uso de certa medida de autoridade para conseguir disciplina.

A educação, no seu verdadeiro sentido, não se faz sem autoridade, pois o educando precisa do referencial do educador a fim de ter base para a construção do seu. Muitas vezes, o professor não consegue disciplina porque não tem autoridade diante dos alunos (VASCONCELLOS, 2004, p. 54).

Portanto, o professor deve exercer certa autoridade dentro da sala de aula, mas com muita moderação, sem abusos. Atualmente, uma das questões mais preocupantes dos educadores é impor a disciplina sem o uso da autoridade. Assim, todos aqueles que estão envolvidos no contexto educacional sabe que a questão da imposição da autoridade está intimamente vinculada à (in) disciplina.

A autoridade vem sendo confundida com autoritarismo no ambiente escolar, ou seja, ter autoridade sobre determinada situação vem sendo algo erroneamente

comparado com o ser autoritário com um aluno. Neste sentido, o aluno se cala não porque acredita naquela autoridade, mas sim, por medo de ser castigado.

O professor não deve abusar de sua autoridade na sala de aula para que os alunos obedeçam por intermédio de castigo, punições, advertências, tirar pontos e ameaças de reprovação e até constrangimentos em público, sendo tais ações o “primeiro pecado capital da educação” (CURY, 2003, p. 85).

A relação estabelecida entre professores e alunos confere a um certo tom de violência, onde aqueles que recusam as imposições são castigados, e os que aceitam tais regras são passivamente premiados.

A disciplina tem papel fundamental em tal processo, pois funciona como um dispositivo a ser incentivado pelo professor, com o objetivo de assegurar os limites e as vontades individuais do controle dos impulsos dos alunos, garantindo a ordem e o respeito à vida social da criança. Assim, a autoridade mostra-se como algo essencial.

A postura mais autoritária se caracteriza principalmente pela falta de diálogo do professor para com seus alunos. O professor toma as decisões daquilo que é vantajoso ou desvantajoso para os discentes, e o que deve ser ou não aceito, onde os principais interessados, ou seja, os alunos, devem aceitar sem questionar. Como exemplo de tal fato, têm-se os conteúdos a serem ministrados no decorrer do ano e, muitas vezes, até a forma pelo qual o professor acha que é a mais correta a ser trabalhada.

O professor torna-se agente de tal processo na medida em que atribui liberdade aos alunos de decidirem não somente por si próprios, mas juntamente com o corpo docente, as necessidades existentes na sala de aula, o que implica em resultados satisfatórios para ambos – professores e alunos – uma vez que só é possível conceber uma disciplina autônoma, na medida em que o trabalho pedagógico permite aos estudantes participarem na tomada de decisões em sala de aula.

Neste sentido, a criança elabora sua própria autonomia, uma autodisciplina, onde passa a perceber, através de suas próprias ações, a necessidade de disciplina.

1.5 O papel da família frente à indisciplina

Ouvem-se muitas reclamações por parte dos professores a respeito dos pais dos alunos, que afirmam que não conseguem mais controlar os próprios filhos, e acabam atribuindo a função de educar somente à escola.

As famílias atuais depositam suas funções e delegam à escola sua responsabilidade. Assim, mostra-se como algo natural a chegada de alunos sem limites à escola – ou seja, os limites não foram trabalhados pela família.

Muitas vezes, os filhos tornam-se indisciplinados pelas atitudes dos pais, que para satisfazer as vontades do infante, para vê-lo feliz, não sabe negar qualquer tipo de pedido, ou seja, não sabem colocar limites, tornando-se extremamente permissivos – forma de recompensá-los pela falta de tempo junto ao filho.

A parceria da família com a escola é de fundamental importância na resolução dos conflitos que aparecem no processo ensino-aprendizagem. Vasconcellos (2004) afirma que a necessidade de acompanhar a vida escolar do filho não é apenas quando o filho tem notas vermelhas, mas a presença dos pais ajuda a desenvolver o aprendizado e, principalmente, mostrar a criança o quanto esta possui importância.

Para Tiba (1996), a geração de avós que educou os filhos de maneira patriarcal, com autoridade vertical, isto é, o pai no ápice da pirâmide e os filhos na base dela, onde a base era obrigada a cumprir tudo que a ápice determinava, sem direito a opiniões ou questionamentos, acabou.

A nova geração (a maioria dos pais e professores da atualidade) foi massacrada pelo autoritarismo dos pais e da sociedade. E, quando teve filhos, decidiu ir contra tal sistema, buscando oferecer a estes tudo aquilo que nunca tiveram. Assim, a maioria dos pais da segunda geração acabou no extremo oposto da primeira: a permissividade.

Contudo, sabe-se que a estrutura familiar tradicional não é um fator determinante para que os membros tenham total sucesso na escola; na vida profissional, bem como na estrutura considerada não padrão, não se constitui fator determinante ao fracasso ou sucesso escolar e profissional dos seus membros.

É importante ressaltar que o compartilhamento da ação educativa entre a família e a escola produz resultados benéficos para ambos, proporcionar o caminhar lado a lado.

Os pais também podem aproveitar tal momento para conhecer melhor o filho, pedindo informações de como anda sua vida na escola, de como é o relacionamento com os colegas e com o professor, com os outros adultos, etc. A troca de informações é de fundamental importância para uma melhor compreensão do educando, favorecendo, assim, a busca por meios mais eficazes à facilitação da sua aprendizagem.

Às vezes, o aluno demonstra um comportamento em casa e outro na escola, devido à falta da troca de experiências e informações sobre coisas do dia a dia da criança na escola, o que para a criança faz toda a diferença, fazendo com que aquele indivíduo sinta-se importante e valorizado. Neste sentido, os familiares e os educadores poderão ajudar a compreender o que está acontecendo, sendo mais fácil encontrar o que realmente aquela criança deseja alcançar.

De acordo com Tiba(2002 p. 67), faz parte do instinto de perpetuação da espécie, os pais cuidarem dos filhos, mas é a educação que os qualifica como seres civilizados para o desenvolvimento social.

1.6 Motivação e incentivo na aprendizagem

De acordo com Cury(2003), um dos maiores segredos da educação passa pelo afeto, pela emoção. Segundo aquele autor, o primeiro passo é elogiar sinceramente uma pessoa, e somente depois, se necessário, criticá-la. O elogio estimula a emoção, a reflexão sobre a crítica. Criticar sem valorizar a pessoa que está sendo criticada trava sua inteligência. A crítica 'dura e seca' bloqueia a capacidade de pensar e fere a autoestima.

Atualmente, um fato está contribuindo de forma significativa para a indisciplina da escola e na sala de aula: o desinteresse dos alunos pelo estudo; as aulas estão cada dia mais monótonas e os professores não conseguem mais chamar a atenção dos alunos.

O processo de motivação escolar é complexo, e o professor deve fazer uso de métodos e técnicas a fim de motivar os alunos a recuperarem ou manterem seu interesse em aprender, e uma das maneiras é construir a autoestima e a autoimagem que o aluno tem de si mesmo.

Os processos de aprendizagem incluem muitos aspectos afetivos e relacionais. Os êxitos e fracassos que obtemos vão definindo o conceito que temos de nós mesmos (autoconceito). Quando se tenta aprender e se aprende, vamos formando uma imagem positiva de nós mesmos que sem dúvida nos ajudará a realizar novas aprendizagens, já que gerará em nós uma confiança e uma autoestima positiva que nos impulsionará a seguir adiante (TAPIA, 2001, p. 78).

Neste sentido, ao adquirir a motivação, conseqüentemente facilitará o processo de ensino-aprendizagem, pois, se não houver motivação por parte dos professores, dificilmente haverá aprendizagem.

É necessário que o professor se conscientize da necessidade da motivação em sala de aula e que esteja relacionado com o contexto do aluno, algo que faça parte do seu dia-a-dia, que tenha sentido para a sua vida. Neste caso, o aluno torna-se agente ativo do processo de ensino-aprendizagem, quando está estimulado e motivado a crescer, e percebe que tal crescimento faz-se necessário.

De acordo com Tapia (2001, p.18), “há alunos que são motivados quando um professor lhes dá pontos à vista de todos os colegas toda vez que respondem corretamente, e não se motivam se não estão em uma situação competitiva”. O que parece prioritário é que as tarefas a realizar e as matérias a estudar tenham alguma utilidade prática.

Diante do exposto, surge uma questão essencial no propósito motivacional do aluno: vale a pena realizar as atividades escolares movidos prioritariamente por uma ou outra meta de modo diferente a aprendizagem?

Segundo Tapia (2001), realizar as tarefas escolares preocupado principalmente em aumentar a própria competência e interessado no descobrimento, compreensão e domínio dos conhecimentos ou habilidades cuja aprendizagem está em jogo, define o tipo de motivação com efeitos mais positivos sobre a aprendizagem.

Algo que todo professor deve conseguir ao iniciar uma aula, como condição necessária para motivar seus alunos a aprender, é atrair sua atenção despertando a curiosidade e interesse – características que é preciso distinguir, mostrando a importância daquilo que será repassado.

A curiosidade é uma atitude, manifesta na conduta exploratória, ativada pelas características da informação tais como sua novidade, complexidade, caráter inesperado, ambiguidade e variabilidade, as quais o professor pode utilizar para atrair a atenção dos alunos (TAPIA, 2001, p. 38).

Ainda que para muitos alunos, acostumados a aceitar sem questionar o que os professores apresentam, não seja necessário introduzir a matéria conforme o exposto em linhas anteriores, agir de tal maneira pode ajudar no caso dos alunos que não conseguem progredir já que em princípio, aquele modo de ensinar supõe

orientar a aprendizagem para a compreensão dos fenômenos, e não para a memorização dos fatos.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DE PESQUISA

O presente estudo teve por objetivo analisar sobre a forma que os educadores estão lidando com a indisciplina e o limite nos anos iniciais do Ensino Fundamental, observando as propostas de intervenções teóricas e confrontando-as com a prática.

Segundo Cunha(1995), a pesquisa qualitativa é aquela que procura estudar os fenômenos educacionais e os seus autores dentro de um contexto social e histórico em que acontecem e vivem, recuperando o cotidiano com o campo de expressão humana. Mostrando que a pesquisa qualitativa visa estudar os fatos que acontecem no dia a dia, fazendo o sujeito pensar e refletir sobre determinado assunto, a pesquisa realiza-se fazendo uso do recurso descritivo, tendo uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, isto é, estimulando os entrevistados a pensarem livremente sobre o tema abordado, com seu objetivo ou conceito, mostrando os aspectos subjetivos de forma natural, buscando um entendimento de forma geral, abrangendo sua interpretação.

Desta forma, com aplicação do questionário direcionado aos professores sobre a indisciplina e a importância do limite nos anos iniciais (1º ao 5º ano) do Ensino Fundamental da Escola Classe (EC) nº. 102, do Recanto das Emas, Distrito Federal, fez-se uma análise dos resultados e procurou-se aplicá-los na prática do dia a dia escolar.

A pesquisa realizada na referida instituição objetivou conhecer o trabalho dos professores no que se refere ao limite, à indisciplina, utilizando-se um questionário composto por dez questões, denotando uma forma categórica de se identificar as ações aplicadas e metodologias desenvolvidas, e buscando enriquecer todas as informações obtidas, em teoria, sobre o tema apontado.

2.1 Contexto da pesquisa

A EC nº. 102 é uma escola de anos iniciais do Ensino Fundamental, que conta com aproximadamente seiscentos alunos. Situa-se na quadra 102 do Recanto das Emas, Distrito Federal, e possui alunos com problemas de indisciplinas e que, na maioria das vezes, interrompem as aulas. Estes, majoritariamente, situam-se nos 4º e 5º anos da referida etapa de ensino.

A escola possui oito salas de aula (composta por dezesseis turmas, juntando os dois turnos – matutino e vespertino), sala de recurso, sala de apoio de aprendizagem e aula de educação integral. Tal suporte é ofertado para os alunos com uma equipe de multiprofissionais (psicólogo, orientador-pedagógico, pedagoga), além da equipe gestora (direção, vice-direção, supervisão pedagógica e coordenação) e também a equipe de apoio, composta pelos demais servidores da carreira assistência, que dão suporte educacional nas atividades extraclasse e no recreio.

2.2 Participantes do estudo

Fizeram parte da presente pesquisa dezesseis professores regentes da instituição escolar analisada, sendo oito professores do turno matutino e oito professores do turno vespertino – quinze profissionais possuem formação superior na área de Pedagogia, e apenas um dos profissionais entrevistados possui formação na área de Letras, porém, com o Magistério (antigo 2º Grau). E ainda, sete docentes possuem Pós-Graduação (Especialização *Lato Sensu*), todos com bastante experiência e fazendo formação continuada pela Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE).

É preciso destacar que todos os profissionais partícipes da pesquisa deram sua proveitosa contribuição, que serviu de base aprofundada para a formação do presente estudo, visando mostrar a realidade do tema abordado em sala de aula, analisando o aspecto disciplinar dos alunos.

2.3 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados

Foi utilizado um questionário direcionado aos professores, que fizeram uma análise crítica das perguntas formuladas e, logo em seguida, responderam de forma objetiva, subjetiva e satisfatória, embasando o aspecto indisciplinar dos alunos, que são o público alvo da pesquisa, norteador o ambiente escolar, precisamente a sala de aula, a participação dos pais na vida escolar dos seus filhos e os trabalhos desenvolvidos por meio das propostas e intervenções dos educandos.

2.4 Procedimentos de análise de dados

Diante do exposto, foi possível perceber na clareza das respostas, a realidade estampada em quatro paredes, onde se tem os alunos com o problema da indisciplina e que, muitas vezes, não se tem direcionada uma visão crítica sobre o assunto apresentado.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Conforme a aplicação de questionário (vide Apêndice 1), composto de dez perguntas direcionadas aos professores sobre a indisciplina e a importância do limite nos anos iniciais do Ensino Fundamental na Escola Classe (EC) nº. 102, do Recanto das Emas, Distrito Federal, observou-se a vontade dos entrevistados em querer demonstrar a realidade dos alunos com o problema da indisciplina, e como tal aspecto tem influenciado na questão disciplinar e de aprendizagem dos mesmos de forma negativa, não trazendo nenhum resultado positivo para a escola e nem mesmo para a família.

Sobre a formação dos professores da escola, 99% dos entrevistados tem formação em Pedagogia, e apenas 1% possui formação em Letras. Vale destacar que 50% dos docentes entrevistados tem especialização, e nenhum professor respondeu a alternativa de formação em outra área além das citadas. Segundo Imbernón (2000), a instituição educativa, como um conjunto de elementos que intervêm na prática educativa contextualizada, deve ser o motor da inovação e da profissionalização docente, denotando que a escola deve estar voltada à formação continuada de seus professores, com a finalidade de aprimorar o processo de ensino.

Quanto ao tempo de atuação em sala de aula, 75% dos entrevistados afirmaram possui mais de dez anos de atuação, com muita dedicação e novas experiências, através de novos cursos e formação continuada.

Em relação à capacidade de percepção do processo disciplinar em sua sala de aula, 100% dos professores entrevistados responderam que percebem o processo disciplinar em sua sala de aula. Para Libaneo (2001), tem-se como qualidades de personalidades do professor: dedicação profissional, sensibilidade, senso de justiça e traços de caráter, ou seja, crianças excessivamente inquietas, agitadas, com tendência à agressividade, que se destacam do grupo pela dificuldade de aceitar e cumprir as normas, às vezes, podem ser consideradas indisciplinadas pelo professor em seu pré-diagnóstico.

A pesquisa também identificou que 100% dos professores entrevistados utilizam metodologias específicas para trabalhar com os alunos considerados indisciplinados. Sobre tal questão, de acordo com Alencar (1992, p. 86):

As pessoas são como caixas negras: podemos conhecer os estímulos que as atingem e as respostas que dão a esses estímulos, mas não podemos conhecer experimentalmente os processos internos que fazem com que determinado estímulo leve a dada resposta.

Diante do exposto, é preciso evidenciar que o professor possui diferentes formas de ensinar ao seu aluno, devendo conquistá-lo e trazê-lo para o aprender coletivo.

A pesquisa identificou que 90% dos professores entrevistados notificam os pais sobre indisciplina dos filhos na escola. Para La Taille (1992), o desenvolvimento moral das crianças depende da ação dos adultos, dos pais e dos professores na escola. Se o professor comunica aos pais sobre a indisciplina dos alunos, o processo de dar limites se torna uma parceria entre pais e escola.

Para 90% dos professores entrevistados, a indisciplina de alguns alunos é reflexo dos diversos problemas familiares que possuem. Segundo Tiba (1996), cabe aos pais delegar ao filho tarefas que este já é capaz de cumprir. Tal medida será a formação do limite junto ao infante. É por isso que os pais nunca devem fazer tudo pelo filho, mas ajudá-lo somente até o exato ponto em que este necessita de apoio, para que, depois, realize sozinho, as tarefas confiadas. Pois, da forma como até então educam, acabam contribuindo nesse processo indisciplinar.

Os resultados mostraram também que a maioria dos professores reconhecem que existe um orientador na escola para lidar com os problemas disciplinares. De acordo com Rossini (2001), as crianças gostam de professores que lhe deem limites. Os professores bonzinhos nunca serão respeitados; cairão no esquecimento com muita facilidade. Desta forma, o professor não deve trabalhar sozinho, mas deve ter o apoio do orientador para que haja limite no que tange à ação indisciplinar dos alunos na sala de aula.

Analisando os dados coletados, percebeu-se que 50% dos professores entrevistados reconheceram que os alunos indisciplinados possuem dificuldades de aprendizagem além do normal.

Neste sentido, Nicolescu (1999) destaca que algo que todo professor deve conseguir ao iniciar uma aula, como condição necessária para motivar seus alunos a aprender, é atrair sua atenção, despertando a curiosidade e o interesse – características que é preciso distinguir, e mostrando a importância do que vão aprender.

É muito importante que se realize com os alunos a avaliação global, considerando as diversas possibilidades de alterações que resultam nas dificuldades de aprendizagem, para que o tratamento seja o mais específico e objetivo possível (NICOLESCU, 1999, p. 87).

Compreende-se, assim, que sem esta avaliação, não é possível estabelecer nenhum parâmetro que identifique as dificuldades de aprendizagem dos alunos com problemas de disciplina.

A pesquisa evidenciou também que 100% dos professores pesquisados procurar fazer uso de metodologia que busque o incentivo junto a seus alunos, além de manter a disciplina na sala de aula. Nos dias de hoje, o professor deve ser um “líder”, deve saber também que liderança não se impõe, mas se conquista. Na sala de aula, ele representa a direção, a própria família. “Ali ele é o “dono da lei” (ROSSINI, 2001, p. 44). Neste sentido, sua metodologia deve estar voltada para o cumprimento de suas tarefas enquanto educador.

Por último, a pesquisa verificou que 70% dos professores entrevistados concordam que é preciso impor limites ao processo de indisciplina dos alunos nos anos iniciais. Neste sentido, de acordo com Rossini (2001, p.44), “a complexidade da vida moderna acaba delegando aos professores papéis antes só de responsabilidade dos pais”. A família de hoje conta muito com a escola, ou seja, com seus professores na formação das crianças e dos jovens. Esta precisa estar informada sobre a linha de conduta que a escola tem com seus filhos e, o que é

fundamental, concordar com esta linha, pois é preciso falar a mesma língua para uma ideal educação dos infantes.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa realizou-se na Escola Classe (EC) nº. 102, do Recanto das Emas, Distrito Federal, e buscou compreender o processo indisciplinar dos alunos, suas causas e as metodologias utilizadas pelos professores para impor limites.

A realização desta somente com professores se deu devido aos fatos geradores do tema em relação ao limite e à indisciplina, uma vez que parte da ação disciplinadora cabe ao professor em sala de aula.

A pesquisa, em sua abrangência, teve como resultado em relação ao tempo de atuação dos professores na sala de aula uma variação entre cinco e dezessete anos, aproximadamente, dando margem a uma prática docente contributiva. A proposta de pesquisar sobre o assunto em questão deu-se a partir da necessidade de buscar algumas respostas para um tema tão antigo: a indisciplina na sala de aula e na escola.

Entende-se que o professor tem um papel essencial na contribuição e viabilização dos alunos em relação à construção de conhecimentos nesta etapa da educação básica. Em outras palavras, o professor precisa ter muita criatividade, alegria, bom humor, respeito humano e disciplina, tornando, assim, sua aula mais atrativa.

Visando proteger as normas do jogo do convívio fraterno e dos laços afetivos em favor da organização social e do desenvolvimento espontâneo, é importante que a escola e a sociedade edifiquem e constituam juntas as normas convencionais. A construção anexa do código relacional admite minimamente a sugestão e a dependência ao mesmo, por parte de todos.

Os professores apresentam-se como profissionais não orientados de maneira adequada para explorar suas capacidades e aperfeiçoar a qualidade do seu trabalho. Os professores, muitas vezes, não dão crédito de que possuem um papel fundamental na educação dos alunos, que quase sempre passam por crises socioeconômicas, que também afetam principalmente seus pais.

A presente pesquisa constatou que os professores devem demonstrar segurança naquilo que estão fazendo, a fim de serem respeitados por seus alunos desde o primeiro dia de aula. Portanto, faz-se necessário criar normas, juntamente com todos os alunos e professores, para serem cumpridas, e aquelas que não forem respeitadas, o professor deve estabelecer um diálogo para saber o porquê do desrespeito a estas, visando adaptá-las.

Não é apenas o professor que deve estar interessado na boa disciplina, mas toda a escola, bem como a família, pois é na sala de aula que se ajuda a construir futuros cidadãos com personalidade, onde irão aprender a limitar seus instintos – que são impulsivos e que necessitam de correção desde a primeira infância.

O conceito, na consequência de todos os abrangidos no fenômeno, permite uma análise participativa de tal comportamento, do período de sua passagem, do tipo de afinidades afetivas viventes, da ciência de realidade prática, entre outros aspectos.

É preciso que haja uma mudança de postura de pais e professores. Os professores devem transmitir aos seus alunos a importância da amizade, do companheirismo, respeito mútuo, cooperação, honestidade, sinceridade, entre muitos outros aspectos.

É importante também que o professor tenha consciência de suas responsabilidades como educador, buscando planejar de forma dinâmica, adequando o conteúdo à realidade do aluno, propondo atividades enriquecedoras, que incentivem os educandos a se disciplinarem, mesmo que inconscientemente. Quanto aos pais, estes devem assumir atitudes mais duras na educação dos seus filhos; a flexibilidade é algo importante, mas, em excesso, causa desordem e confusão.

Para que haja mais disciplina, não se pode esquecer-se da importância de haver um acompanhamento escolar por parte dos pais. A escola não deve assumir para si toda a responsabilidade na educação dos alunos, que deve ser compartilhada com os pais.

Diante da pesquisa realizada com os professores entrevistados, faz-se importante destacar que no ambiente escolar, é preciso um trabalho constante de preparação anexa entre professor/aluno, que caracteres indisciplinares se

transformação num fator de caráter prático em benefício de uma aprendizagem mais sólida e expressiva, e por que não dizer mais motivadora.

Conclui-se, por fim, que se é necessário que o sistema educacional observe melhor a importância da inserção curricular dos valores básicos, para que haja uma boa convivência escolar entre discentes e docentes. Os temas transversais já existem, porém, é preciso um melhor aparato não somente de materiais didáticos, mas, uma maior preocupação em relação à formação dos professores para uma utilização eficaz.

A escola, como espaço formador e não conformador, deve abrigar as diferenças, mas deve conter as regras fundamentais como recurso organizador das relações sociais. É preciso ressaltar que a indisciplina escolar é problema de toda instituição escolar, não bastando apenas haver um bom relacionamento entre professores e alunos. É primordial que haja uma convivência entre toda a equipe escolar: comunidade, pais, alunos, professores, direção e coordenação, visando constantes trocas de experiências, discussões de metas e sugestões para novas perspectivas para lidar com a indisciplina.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. S. **Como desenvolver o poder criador**: um guia para a liberação da criatividade em sala de aula. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

AURELIO. **O mini dicionário da língua portuguesa**. 4. ed. rev. e amp. do mini dicionário Aurélio. 7. Imp. Rio de Janeiro, 2002.

AZEVEDO, Annie Rehbein de. **Disciplina sim, mas com amor**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2002.

CUNHA, Maria Isabel da. **A Pesquisa Qualitativa e a Didática** São Paulo: Papirus Editora 1995.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GARCIA, J. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr. 1999.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de Didática Geral**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2000.

LA TAILLE, Yves de. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO. Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

MORAIS, R. **Entre a jaula de aula de aula e o picadeiro de aula**. São Paulo: Papirus 2001.

LIBÂNEO, J. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2001.

NICOLESCU, B. **O Manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: TRIOM, 1999.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

TAPIA, Jesús Alonso; FITA, Enrique Caturia. **A motivação em sala de aula**: o que é e como se faz. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. 38. ed. São Paulo: Gente 1996.

TIBA, Içami. **Quem ama educa!** Organizado por Içami Tiba 111ª ed. São Paulo: Gente 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Coordenação do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Libertadora, 2004.

APÊNDICE 1

Instrumento de pesquisa para os professores

QUESTIONÁRIO

“A indisciplina e a importância do limite nos anos iniciais (1º ao 5º ano) do Ensino Fundamental.”

Prezado professor(a),

Estou realizando uma pesquisa sobre a indisciplina e a importância do limite nas séries iniciais, como parte da conclusão do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Coordenação Pedagógica pela Universidade de Brasília, CEAD - Centro de Educação a Distância.

Para uma melhor compreensão das atitudes e comportamentos dos alunos, baseando-se na indisciplina em sala de aula, faz-se necessário a sua participação em responder as questões que se seguem.

Conto com a sua colaboração, de grande relevância.

Obrigado.

1) Formação:

() Graduação em Pedagogia

() Graduação em outra área, especifique: _____

() Pós-Graduação/Especialização

2) Tempo de atuação em sala de aula?

3) Você é capaz de perceber o processo indisciplinar em sua sala de aula?

() Sim

() Não

() Às vezes

De que forma?

4) Quando detectada a indisciplina, você utiliza metodologias específicas para trabalhar a aprendizagem destes alunos?

() Sim

() Não

() Às vezes

Quais?

5) Você notifica aos pais a indisciplina dos alunos em sala de aula?

() Sim

() Não

() Às vezes

De que forma?

6) Você concorda que a indisciplina de alguns alunos é reflexo dos diversos problemas familiares que possuem?

() Sim

() Não

() Às vezes

Por quê?

7) Em sua escola há um orientador pedagógico que trabalha especificamente com alunos com problema de disciplina?

() Sim

() Não

() Às vezes

Quais suas ações?

8) Você acha que o aluno indisciplinado possui dificuldades de aprendizagem além do normal?

() Sim

() Não

() Às vezes

Quais?

9) Sua metodologia de trabalho incentiva seus alunos a manter a disciplina na sala de aula?

() Sim

() Não

() Às vezes

Como se realiza?

10) Você concorda que é nas séries/anos iniciais que se devem impor limites à indisciplina?

() Sim

() Não

() Às vezes

Por quê?
